

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O PAPEL DA GESTÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA
LÍNGUA ESCRITA**

MARISTELA DA ROCHA DIEHL

Santa Maria, RS, Brasil

2012

O PAPEL DA GESTÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESCRITA

por

Maristela da Rocha Diehl

Monografia apresentada ao Curso
de Pós-Graduação em Gestão Educacional da
Universidade de Santa Maria (RS), como requisito
parcial para obtenção do grau de

Especialista em Gestão Educacional.

Orientador (a): Prof^a. Ms^a. : Izabel Cristina Uaska

Santa Maria, RS, Brasil

2012

Centro de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia de Pós-graduação

elaborada por:

Maristela da Rocha Diehl

**O PAPEL DA GESTÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA
LÍNGUA ESCRITA**

Como requisito parcial para obtenção do grau de

Pós Graduação em Gestão Escolar

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Ms. Izabel Cristina Uaska – (UFSM)

(Presidente/Orientadora)

Maria Eliza – Marcelo

Supl. Natália

Santa Maria, 2012.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

O PAPEL DA GESTÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESCRITA

AUTORA: Maristela da Rocha Diehl

ORIENTADOR: Izabel Cristina Uaska

Santa Maria, 2012

Este estudo teve como propósito analisar alguns conceitos sobre o tema “aprendizagem da língua escrita e o papel da gestão escolar neste processo”, envolvendo o desenvolvimento das habilidades cognitivas e psicomotoras da criança, sua compreensão sobre a linguagem falada e escrita. Procuramos enfatizar sobre as fases de desenvolvimento da criança segundo Piaget. Investigando como a criança desenvolve a leitura e a escrita, as hipóteses apresentadas e quais práticas pedagógicas que deverão ser desenvolvidas pelo professor para que a criança supere a hipótese em que se encontra e progrida, isto é, desenvolva outra hipótese até escrever alfabeticamente e ortograficamente. Foi discutido sobre alfabetização e letramento, tendo como conceito básico que alfabetização e letramento vai muito além de aprender códigos da escrita e decodificá-los, constitui compreender o uso social da escrita. A importância que tem ser alfabetizado para o desenvolvimento integral do ser humano e sua inserção na sociedade como um ser ativo e autônomo. Destaca-se aqui a importância do envolvimento dos gestores neste processo, os quais deverão ter em primeiro lugar o pedagógico da escola, pois se um aluno fracassa, toda a escola fracassa com ele. Realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo. Para o levantamento de dados utilizamos um questionário que foi respondido por alfabetizadoras de quatro escolas da rede estadual do município de Soledade/**RS**, as quais chamaremos de escola A, B, C e D. Os resultados desta análise nos mostraram que o professor precisa levar em consideração que a aprendizagem da escrita envolve um grande esforço da criança e que ela, portanto, necessita de muito apoio, principalmente na fase de alfabetização. Percebe-se, então, que para uma escola apresentar resultados positivos na alfabetização é necessário que haja um “trio gestor”: diretor/supervisor de ensino/coordenador pedagógico, e que esses gestores compreendam, orientem e auxiliem o docente na sua dinâmica em sala de aula, pois não são apenas os aspectos cognitivos que estão em jogo, mas também os aspectos emocionais, que podem retardar ou até mesmo bloquear o desenvolvimento. Se uma criança tem uma hipótese e tem possibilidade de testá-la sua produtividade pode ser maior do que numa criança que se preocupa, apenas, em não errar. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade da formação continuada e para isso o apoio da equipe gestora neste processo de qualificar a educação. O gestor educador necessita ser conhecedor da teoria, de como se ensina e como se aprende para o êxito do aluno e da prática pedagógica que defende e aplica.

Palavras-chave: Educação, alfabetização, gestão escolar

ABSTRACT**Monography****Specialization in Educational Managing****Federal University of Santa Maria****TÍTULO: THE DIFICULTY THE LANGUAGE LEARNING****AUTHOR: Maristela da Rocha Diehl****ADVISOR: Izabel Cristina Uaska****Date and Place of Defense: Tio Hugo, 2012.**

This study aimed to examine some concepts about "learning the written language and the role of school management in this process," involving the development of cognitive and psychomotor skills of the child, his understanding of the spoken and written language. We tried to emphasize on the stages of child development according to Piaget. Investigating how children develop reading and writing, the assumptions made and what pedagogical practices that should be developed by the teacher for the child to overcome the situation where you are and move forward, that is, to develop another hypothesis and write alphabetically spelled. It was discoursed about literacy and literacy, with the basic concept that literacy and literacy learning goes far beyond writing codes and decodes them, is understanding the social use of writing The importance of being literate for the integral development of the human being and its place in society as active and autonomous. We highlight here the importance of the involvement of managers in this process, which should be the first educational school, because if a student fails, the entire school fails with it. We conducted a qualitative research. For data collection we used a questionnaire that was answered by four literacy schools of the state of the municipality of Soledad / RS, which will call the school A, B, C and D. The results of this analysis showed us that the teacher needs to consider that learning involves writing a great effort of the child and that she therefore needs a lot of support, especially during literacy. It is clear, then, that for a school show positive results in literacy is necessary to have a "threesome manager": director / supervisor teaching / pedagogical coordinator, and that these managers understand, guide and assist the teacher in his classroom dynamics classroom, they are not only the cognitive aspects that are at stake, but also the emotional aspects, which can slow or even block the development. If a child has a chance and have the possibility to test it their productivity can be higher than a child who cares, just not to miss. The survey results point to the necessidde training and continued support for this management team in the process of qualifying education. The manager educator must be knowledgeable of the theory of how we teach and how we learn to the success of the student and the teaching practice that advocates and applies.

Keywords: Education, literacy, school management

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA.....	09
1.1 Desenvolvimento e aprendizagem segundo Piaget.....	09
1.2 Estágio sensório-motor.....	11
1.3 Estágio operatório.....	14
1.4 Estágio das operações concretas.....	16
2 COMO A CRIANÇA APRENDE A LER E ESCREVER SEGUNDO A PSICOGÊNESE.....	17
2.1 Conceituando alfabetização e letramento.....	21
3 O PAPEL DA GESTÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESCRITA.....	24
4 GESTÃO EDUCACIONAL E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	27
4.1 Definindo a Pesquisa.....	27
4.2 Pesquisa Bibliográfica.....	27
4.3 Pesquisa de Campo.....	28
4.4 Questionário.....	28
4.5 Contextualizando o campo de pesquisa.....	29
4.5.1 Apresentando a rede estadual de ensino de Soledade.....	29
5 ANALISANDO A ALFABETIZAÇÃO EM ALGUMAS ESCOLAS ESTADUAIS DE SOLEDADE.....	31
5.1 Explicitando os temas e as categorias de análise.....	31
5.2 Análise e interpretação dos temas e categorias.....	31
5.2.1 Alfabetização e letramento.....	31
5.2.2 Dificuldade para alfabetizar.....	33
5.2.3 Formação cotinuada.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE.....	44

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento dos primeiros traçados e significados da língua escrita pela criança mostram a interrelação entre o crescimento de suas habilidades de compreensão da linguagem bem como o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas. O processo de aquisição de conceitos também consiste na extensão gradativa daqueles já adquiridos anteriormente, nisto reside, em grande parte, o desenvolvimento pleno das habilidades de compreensão. Assim sendo, o letramento e a escolarização têm um papel fundamental neste processo.

Na tentativa de entender o desenvolvimento da criança, inicialmente, buscou-se fazer um estudo da teoria de Jean Piaget sobre o desenvolvimento da criança e suas respectivas fases, a partir de então, tenta-se entender melhor o que deve ser trabalhado em cada fase. Em seguida, verificou-se como se dá o processo da construção da escrita pela criança, analisando a psicogênese da língua escrita, segundo Emília Ferreira e Ana Teberosky, bem como o conceito de alfabetização e letramento. Identificando que alfabetização e letramento têm a ver com a função social da escrita e a inserção do cidadão na sociedade letrada, dando-lhe o direito de construir sua autonomia e participar ativamente de forma crítica e transformadora.

A seguir falamos sobre o papel dos gestores na alfabetização e letramento dos alunos, destacando que entendemos o professor alfabetizador também como gestor e que este, juntamente com os demais gestores precisam ter um olhar atento para que os alunos passem por este processo de forma com que todas as dificuldades, se existirem, sejam superadas. É necessário identificar se a dificuldade apresentada pelo educando diz respeito ao professor ou ao aluno, ou seja, o modo como se ensina e como se aprende.

Após foram feitas as considerações teórico – metodológicas da pesquisa, onde seguimos uma abordagem qualitativa, sendo que para a coleta de dados, utilizamos o questionário formado por seis perguntas abertas, respondido por professoras alfabetizadoras de quatro escolas da Rede Estadual de Ensino do município de Soledade - RS que buscou investigar a realidade vivenciada na alfabetização: método usado para alfabetizar, como o professor sente e vê a alfabetização, dificuldades, entendimento, formação e a importância que dá para a formação continuada.

Após o recolhimento e leitura individual desses questionários, fizemos uma análise comparando o que fora respondido com o embasamento teórico retirado dos livros

e com nossas próprias experiências em sala de aula. Nesta análise foi possível ter uma visão do perfil do professor alfabetizador, que tem experiência de trabalho com alfabetização, que sabe de suas dificuldades, limitações e da importância da formação continuada. Que também não domina todos os conhecimentos, porém que tem vontade de aprender e buscar novas práticas pedagógicas.

Concluimos que conviver no mundo moderno e tecnológico de hoje exige-se que se domine o mundo letrado. Para exercer a cidadania é necessário saber a função social da escrita, por isso se dá ênfase a alfabetização e letramento. Porém, falta ainda aos gestores a análise crítica das teorias que se apresentam no decorrer da caminhada. Não se pode tomar como método uma teoria e nem uma prática pedagógica sem entendimento da teoria.

Para ser alfabetizador é necessário ter conhecimento do desenvolvimento da aprendizagem na criança, de como a criança desenvolve a leitura e a escrita, de conceitos básicos de alfabetização e letramento e também de aspectos biopsicosociais.

Alfabetizar é, portanto um papel importante e de constante busca. O gestor alfabetizador precisa ser um mediador entre o conhecimento e o sujeito da aprendizagem e um constante pesquisador.

CAPÍTULO I

1 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

Neste capítulo será analisado como se dá o desenvolvimento da linguagem, leitura e escrita da criança. Desta forma também far-se-á uma pesquisa sobre os estudos de Emília Ferrero e Ana Teberosk a cerca de como a criança aprende a ler e escrever.

1.1 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM SEGUNDO PIAGET

Segundo os estudos de Piaget (1976,p.118), o desenvolvimento humano depende da capacidade de apreensão de elementos culturais, aprendizagem, conquistados por meio das interações sociais. A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana. Piaget dividiu os períodos do desenvolvimento humano de acordo com o aparecimento de novos esquemas, ou seja, qualidade de pensamento que interfere no desenvolvimento global.

O período que vai desde o nascimento aos dois anos ele chamou sensório-motor, pois a criança conhece o mundo através da manipulação e do movimento. O desenvolvimento físico que se efetiva neste período é o suporte para o desenvolvimento ósseo, muscular e neurológico, que permite à criança a habilidade de sentar, engatinhar e andar, que culminará na conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo que a cerca. A criança evolui dos movimentos reflexos aos automatizados e chega aos voluntários. Assim os brinquedos destinados a essa fase devem facilitar essa evolução motora. Ao período que vai dos dois aos sete anos ele chamou pré-operatório ou das operações concretas, no qual ocorre à conquista da linguagem e alterações de ordem intelectual, afetiva e social na vida da criança, com o aparecimento da linguagem o pensamento acelera e assim seu interesse por diferentes atividades e objetos se amplia. O desenvolvimento da coordenação motora fina, possibilitando que consiga segurar o lápis e que deixe sua marca no mundo através do desenho da escrita. Nessa fase os brinquedos devem facilitar a criatividade e o simbolismo da criança.

Brincando a criança interpreta o mundo adulto, estrutura seus pensamentos e elabora seus conflitos. O bom brinquedo deve estimular a atividade mental e física

da criança. Brincar é fundamental para saúde física, emocional e intelectual da criança, contribuindo para o equilíbrio do adulto, segundo Piaget.

O desenvolvimento mental apresenta um extraordinário avanço no período que compreende o nascimento até a aquisição da linguagem. Por muito tempo se ignorou a importância deste período, quando na verdade, ele é decisivo, pois representa a capacidade de conquista, utilizando a percepção e o movimento de todo o universo da criança. Para melhor entender a importância deste processo, cita-se Piaget:

... “assimilação senso-motora” do mundo exterior imediato realiza em dezoito meses ou dois anos, toda uma revolução copérmica em miniatura. Enquanto que, no ponto de partida deste desenvolvimento, o recém-nascido traz tudo para si ou, mais precisamente, para o seu corpo, no final, isto é, quando começarem a linguagem e o pensamento, ele se coloca, praticamente, como um elemento ou um corpo entre os outros, em um universo que construiu pouco a pouco, e que sente depois como exterior a si próprio (1983, p.17).

De acordo com Devries (1991, p. 9), “o pensamento da criança é quantitativamente diferente do pensamento do adulto”. Ainda na percepção do mesmo autor, a teoria de Piaget centra-se na introspecção da criança, ou seja, dá ênfase ao que é interno na criança. O desenvolvimento cognitivo obedece a uma ordem de estágios, nos quais a natureza e as características do ser humano apresentam modificações. O desenvolvimento pode ser visto, conforme Piaget (1983, p. 11) “[...] como uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estágio de equilíbrio superior”.

Para conceituar estágio, pode-se dizer que são particularidades próprias de diferentes etapas da vida infantil até a vida adulta. No final da adolescência ocorre uma estabilização das mudanças mais acentuadas, embora não seja uma estabilização definitiva.

Os quatro estágios definidos por Piaget são: sensório-motor; pré-operatório; operatório concreto e operatório formal.

Os estágios seguem a ordem acima citada, sendo que o primeiro é uma preparação para o próximo e a transição entre eles não obedece a um rompimento, apesar de cada um apresentar características próprias. O desenrolar de cada um dos estágios pode ser mais lento ou mais acelerado, conforme a experiência do indivíduo.

1.2 Estágio Sensório-Motor (nascimento aos dois anos)

Neste estágio, conforme Papalia (2000), os bebês adquirem conhecimento sobre si e seu universo, através do desenvolvimento de sua atividade sensória e motora. Os bebês alteram seu comportamento, onde respondiam apenas por reflexos, para comportamentos orientados por metas.

O estágio sensório-motor é constituído de seis subestágios, os quais vão sendo atingidos, conforme o comportamento do bebê se torna mais elaborado, como podemos ver em Papalia (2000) e Piaget (1983):

Subestágio 1

Nascimento até 1 mês - Os bebês exercitam seus reflexos inatos e ganham certo controle sobre os mesmos. Não coordenam informações dos sentidos. Não pegam um objeto que estão olhando e não desenvolvem a permanência do objeto.

Subestágio 2

De 1 a 4 meses - Os bebês repetem comportamentos agradáveis que primeiramente ocorrem por acaso (como sugar). As atividades focalizam-se no corpo do bebê mais do que nos efeitos do comportamento sobre o ambiente. Os bebês fazem as primeiras adaptações adquiridas, isto é, sugam objetos diferentes de maneiras diferentes. Começam a coordenar informações sensoriais. Ainda não desenvolveram a permanência do objeto.

Ocorre a reação circular primária: tanto ação como respostas envolvem o próprio corpo da criança.

Subestágio 3

De 4 a 8 meses - Os bebês passam a interessar-se mais pelo ambiente e repetem ações que trazem resultados instigantes e prolongam experiências estimulantes. As ações são intencionais, mas inicialmente não orientadas a metas. Os bebês mostram permanência do objeto parcial. Procuram um objeto parcialmente escondido.

Ocorre a reação circular secundária: ação provoca resposta de outra pessoa ou objeto, levando o bebê a repetir a ação original.

Subestágio 4

De 8 a 12 meses - O comportamento é mais deliberado e resolutivo à medida que os bebês coordenam esquemas previamente aprendidos (como olhar e pegar um chocalho) e usam comportamentos anteriormente aprendidos para atingir suas metas (como engatinhar pela sala para obter um brinquedo desejado). Eles podem antecipar acontecimentos. A permanência do objeto está se desenvolvendo, embora os bebês procurem um objeto no primeiro lugar em que foi escondido, ainda que tenham visto o mesmo ser movido.

Subestágio 5

De 12 a 18 meses - Os bebês mostram curiosidade à medida que variam propositadamente suas ações para obter resultados. Eles exploram ativamente seu mundo para determinar de que maneira um objeto, acontecimento ou situações são novos. Eles experimentam novas atividades e usam o método de tentativa e erro para a resolução de problemas. Em relação a permanência do objeto, os bebês acompanham uma série de deslocamentos deste, mas como não são capazes de imaginar um movimento que não veem, não procuram um objeto onde não tenham observado que foi escondido.

Envolve reações circulares terciárias: ação traz resultado agradável, levando o bebê a realizar ações semelhantes para obter resultados semelhantes.

Subestágio 6

De 18 a 24 meses - Uma vez que sabem representar os acontecimentos mentalmente, as crianças não se restringem mais à tentativa e ao erro para resolver problemas. O pensamento simbólico permite que elas comecem a pensar sobre os acontecimentos e antecipem suas consequências sem recorrer a ação. As crianças começam a demonstrar compreensão. A permanência do objeto está totalmente desenvolvida.

Neste estágio ocorre uma mudança qualitativa na organização da inteligência, que passa de sensível e motora a mental, ou seja, representativa e interiorizada, segundo Piaget (1983).

Percebe-se então, que a vida mental surge e se constrói apoiada no exercício do aparelho reflexo. Ao nascer, já existe o reflexo, como por exemplo, a sucção. A partir deste reflexo, começam a surgir os hábitos, outra importante condição da vida mental. Por exemplo, a partir do sugar, surge o hábito de chupar a chupeta, a mamadeira, mesmo após ter terminado o leite para saciar a fome. Dessa forma, observa-se a instalação de um hábito, que caracteriza este período mental.

Isso tem relevância, na medida em que, para Piaget, a inteligência decorre necessariamente dessas experiências, a partir ou apoiadas no aparelho reflexo.

Baseando-se nestas informações torna-se importante nesta fase, estimular a criança para que ela reconheça e interaja com os mais diversos objetos e brinquedos, onde ela tenha a oportunidade de pegar, morder, sacudir, bater, desenvolvendo-se de forma que, ao final dos dois anos tenha condições de desenvolver noção de tempo, espaço, e causalidade. Diz Piaget:

“É assim que, em presença de um novo objeto, ver-se-á o bebê incorporá-lo sucessivamente a cada um de seus esquemas de ação (agitar, esfregar ou balançar o objeto), como se tratasse de compreendê-lo através do uso” (PIAGET, 1983, p.19).

Com este esquema bem definido e interiorizado, começa a surgir a função simbólica e o bebê passa a se relacionar de outra forma com meio em que está inserido.

No estágio sensório motor, um fator de grande relevância para o desenvolvimento é a inteligência prática ou senso-motora. “A inteligência aparece, com efeito, bem antes da linguagem, isto é, bem antes do pensamento interior que supõe o emprego de signos verbais (da linguagem interiorizada)” Piaget (1983). Trata-se, no entanto, de uma inteligência prática, referente apenas à manipulação de objetos.

Nesta etapa do seu desenvolvimento, o bebê está construindo a noção do eu e a diferenciação dos objetos. Ele não diferencia o eu e o mundo exterior, como observa Piaget:

O eu, no início, está no centro da realidade, porque é inconsciente de si mesmo e à medida que se constrói como uma realidade interna ou subjetiva, o mundo exterior vai se objetivando. Em outras palavras, a consciência começa por um egocentrismo inconsciente e integral, até que os progressos da inteligência senso-motora levem a construção de um universo objetivo, onde o próprio corpo aparece como elemento entre os outros, e ao qual se opõe a vida interior, localizada neste corpo
[...] Resumindo, a ausência inicial de objetos substanciais, depois a construção de objetos sólidos e permanentes, é um primeiro exemplo desta passagem do egocentrismo integral primitivo para a elaboração final de um universo exterior (1983, p. 19 e 20).

Nos dois primeiros anos de vida, Piaget considerou quatro processos fundamentais na revolução intelectual: as construções de categorias do objeto e do espaço, da causalidade e do tempo, evidenciando que [...] “todas quatro naturalmente a título de categorias práticas ou de ação pura e não ainda como noções do pensamento”.

1.3 Estágio Pré-Operatório: dos 2 aos 7 anos

Neste estágio duas características são fundamentais: a função simbólica e o aparecimento da intuição das operações. As atividades consideradas de representação, como o jogo, o desenho e a linguagem têm como consequência para o desenvolvimento mental, o começo da ação socializada, o surgimento do pensamento e a interiorização da ação.

Com surgimento da linguagem oral, segundo Piaget:

[...] as condutas são profundamente modificadas no aspecto afetivo e no intelectual. [...] e a criança torna-se, graças à linguagem, capaz de reconstituir suas ações passadas sob forma de narrativas, e de antecipar suas ações futuras pela representação verbal (1983, p.23).

Com a linguagem falada surgem os primeiros sentimentos sociais. Aqui, a criança já é capaz de pensar, devido ao acesso a linguagem e na medida em que consegue falar, já esta numa condição, considerada fundamental, que é o simbólico. Agora, ao utilizar a inteligência prática, resultado do estágio sensório-motor, ela inicia o processo de representação de uma coisa pela outra, formando os esquemas simbólicos. Neste período, as operações mentais estão em construção, ou seja, ainda não estão presentes na criança. É um momento prévio para o surgimento das operações mentais.

A criança neste período apresenta um acentuado egocentrismo, na medida em que o mundo gira ao seu redor, não conseguindo compreender o ponto de vista do outro. Em consequência deste egocentrismo, apresenta dificuldades em compartilhar brinquedos, objetos e sentimentos, tornando-se pouco sociável. O conceito de intencionalidade ainda não está construído e a criança tem dificuldades para entender comportamentos acidentais de outras crianças. Tanto o raciocínio (inclusive moral), como a compreensão infantil sobre regras, justiça são considerados semiológicos.

No estágio pré-operatório, ou seja, até cerca dos sete anos, as crianças apresentam dificuldades para manter uma discussão entre elas e em se colocar sobre o ponto de vista do outros. Elas estabelecem um padrão, como se estivessem falando para si mesmas. Observa-se ainda, que as crianças falam para si mesmas e não apenas as outras crianças, criando monólogos variados durante o desenvolver de suas atividades ou brincadeiras. Para Piaget:

Comparados aos que será mais tarde, a linguagem interior contínua no adulto ou adolescente, estes solilóquios são diferentes, pelo fato de que são pronunciados em voz alta e pela característica de auxiliares da ação imediata. Esses verdadeiros monólogos, como os coletivos, constituem mais de um terço da linguagem espontânea entre crianças de três e quatro anos, diminuindo por volta dos sete anos (1983, p. 26).

No período da primeira infância a inteligência desenvolve-se (a partir do senso-motora) sob a influência da linguagem e da socialização. A linguagem permite que as ações sejam socializadas, admitindo a passagem do pensamento individual para um sistema de pensamento coletivo. Na idade compreendida entre os dois e sete anos, de acordo com Piaget (1983, p. 28) “encontram-se as transições entre duas formas extremas de pensamento, representadas em cada uma das etapas, percorridas durante este período, sendo que a segunda domina pouco a pouco a primeira”.

Num primeiro momento tem-se o pensamento por incorporação, caracterizado pelo egocentrismo, o qual exclui a objetividade. Num segundo momento, o pensamento adaptado aos outros, o qual é uma preparação para o pensamento lógico.

Aproximadamente entre os dois e quatro anos, a criança já assimilou a linguagem, o desenho, a imitação, etc. o que possibilita o surgimento de imagens mentais, mesmo que o objeto ou a ação estejam ausentes. É um período rico em fantasia, onde o faz de conta e o jogo simbólico estão presentes. Como a criança já consegue elaborar imagens mentais, ela também pode transformar objetos em algo que lhe seja prazeroso, como por exemplo, uma maçã pode virar uma bola. Para melhor definir o jogo simbólico, pode-se recorrer a Piaget:

Sua função consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos: a criança que brinca de boneca refaz sua própria vida, corrigindo-a à sua maneira, e revive todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção. Em suma: o jogo simbólico não é um esforço de submissão do sujeito ao real, mas ao contrário, uma assimilação deformada da realidade ao eu (1983, p.29).

Ainda no período simbólico, a criança atribui vida a plantas, objetos, sendo esta característica chamada de animismo (a cadeira me bateu) e também atribui ao homem a criação de fenômenos naturais (o rio foi meu pai que fez).

Na fase compreendida entre os quatro e sete anos, também chamado de período intuitivo, a criança já exige a explicação dos acontecimentos. É a famosa idade dos porquês, onde adultos são solicitados a tempo inteiro para fornecer explicações. Segundo Piaget, (1983, p.28) uma das razões para os adultos

sentirem tanta dificuldade para responder a estes porquês, é devido ao fato que “grande parte destas perguntas se relaciona a fenômenos ou acontecimentos que não comportam precisamente “porquês”, já que ocorrem ao acaso”.

Neste estágio já surge uma diferença entre a fantasia e a realidade, a criança pode brincar de faz de conta, sem precisar acreditar nas dramatizações.

1.4. Estágio das Operações concretas

Segundo Piaget (1983,p.30), vai dos sete aos doze anos aproximadamente. Nesta fase do desenvolvimento a criança ainda está ligada a objetos reais, concretos, mas já é capaz de passar da ação à operação, que é uma ação interiorizada. Neste estágio começa a capacidade de classificar e de fazer transformações reversíveis. Começam a se estabelecer algumas noções de conservação.

CAPÍTULO II

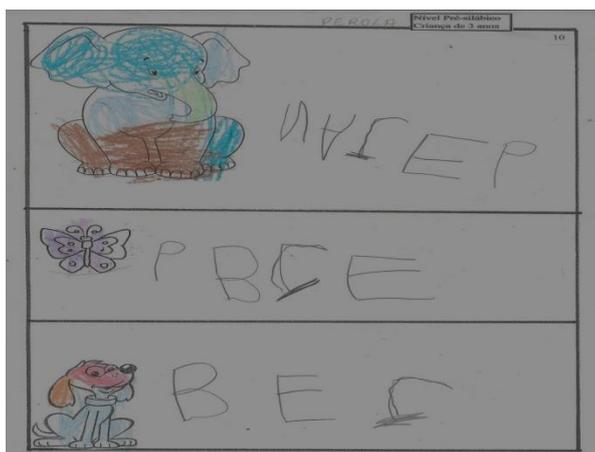
2. COMO A CRIANÇA APRENDE A LER E ESCREVER SEGUNDO A PSICOGÊNESE

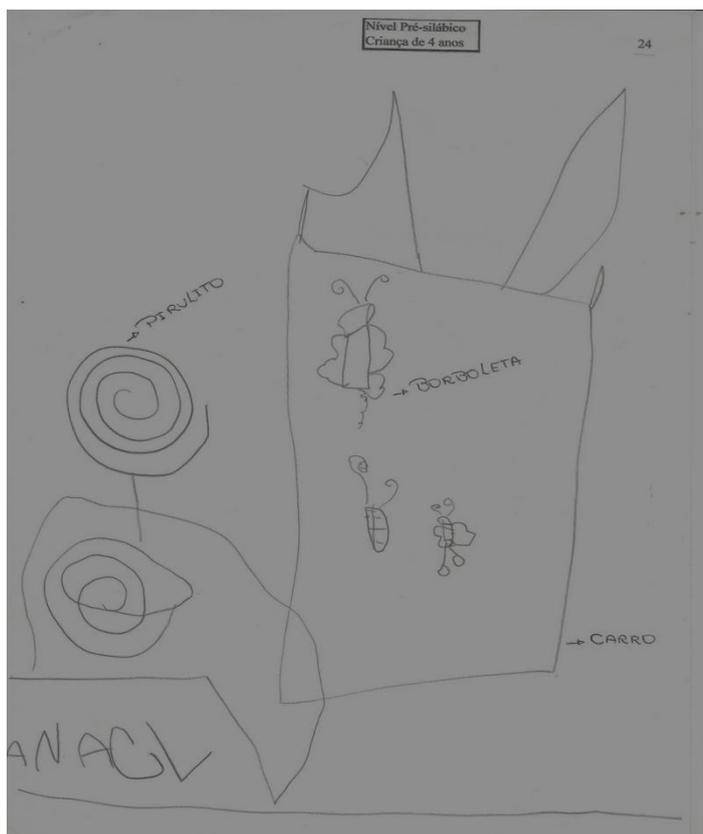
A partir dos anos 80, quando surge a teoria sócio - interacionista, acima citada, juntamente com essas autoras, Emília Ferrero e Ana Teberosk, falam sobre a Psicogênese da Língua escrita (GROSSI,1988,p.143), estudo esse, que revoluciona a forma de como se dá o processo de alfabetização e causa também muita polêmica, pois esse estudo não é um método de ensino e foi bastante confundido por alfabetizadores devido a interpretação equivocada. Esse estudo é voltado para como a criança aprende e não como o professor ensina, diz: Freire (1988, p.7)

Neste sentido vale a pena lembrar quais são os níveis de aprendizagens, ou seja, as hipóteses que as crianças criam a respeito da escrita na construção do conhecimento da língua escrita. Segundo Emília Ferrero e Ana Teberosk (1988), são quatro os níveis pelos quais as crianças traçam o caminho da construção da escrita: nível 1: Hipótese Pré-Silábica; nível 2: Hipótese Silábica; nível 3: Hipótese Silábico-Alfabética ; nível 4: Hipótese Alfabética.

No nível pré-silábico, de acordo com o estudo, a criança descobre que a escrita substitui o objeto, porém não entende ainda que existe um sistema da língua escrita, usam sinais gráficos para reproduzir as formas gráficas, ela representa seu pensamento através de desenho, garatujas ou algumas letras e números aleatoriamente, não faz nenhuma correspondência sonora, isto é, correspondência entre a grafia e o som.

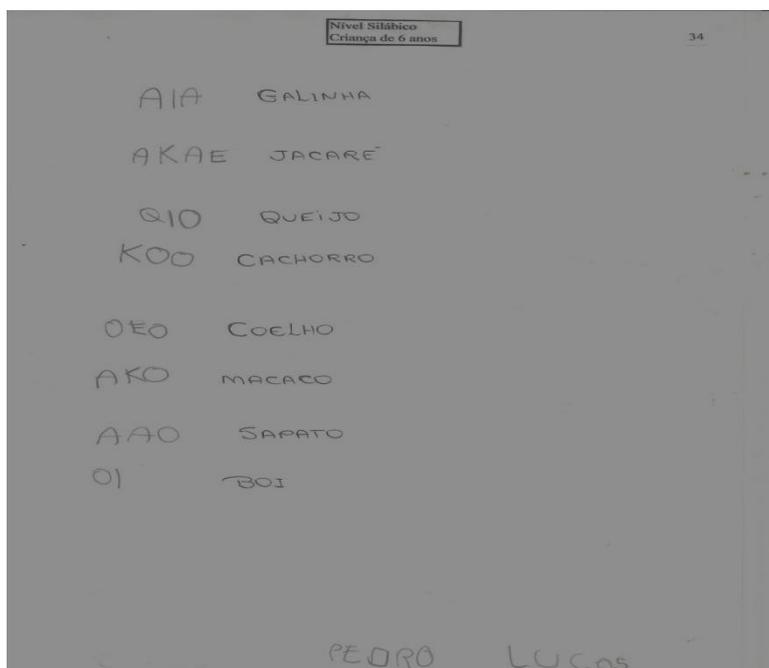
Exemplo:





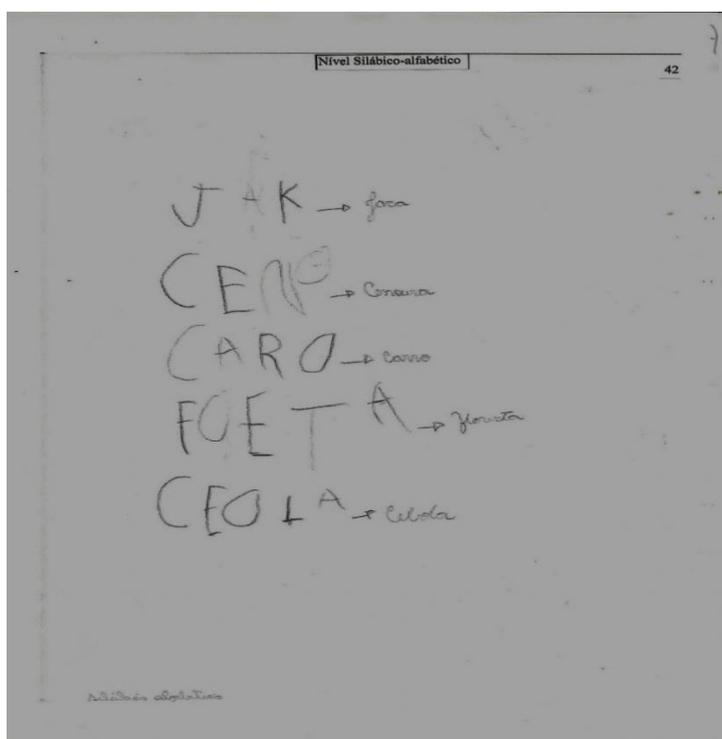
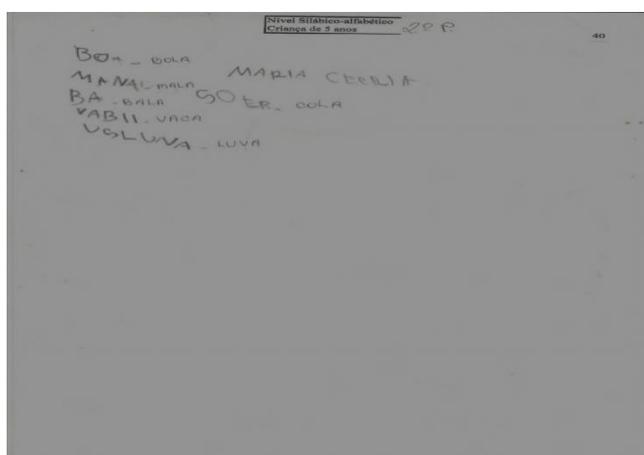
(Fonte: Pedagogia em foco)

No nível silábico, já tem consciência e faz relação entre letra e o fonema, representando uma letra para cada fonema, evidencia-se que a criança relaciona diferença sonora das palavras, um grafia para cada sílaba, descobre a relação entre a fala e a escrita, porém passa ter um conflito muito grande causado pelo controle silábico e a quantidade de letra usada, (Ferreiro e Teberosk, 1984, in. goldfeld, p. 47, 2003). Exemplo:



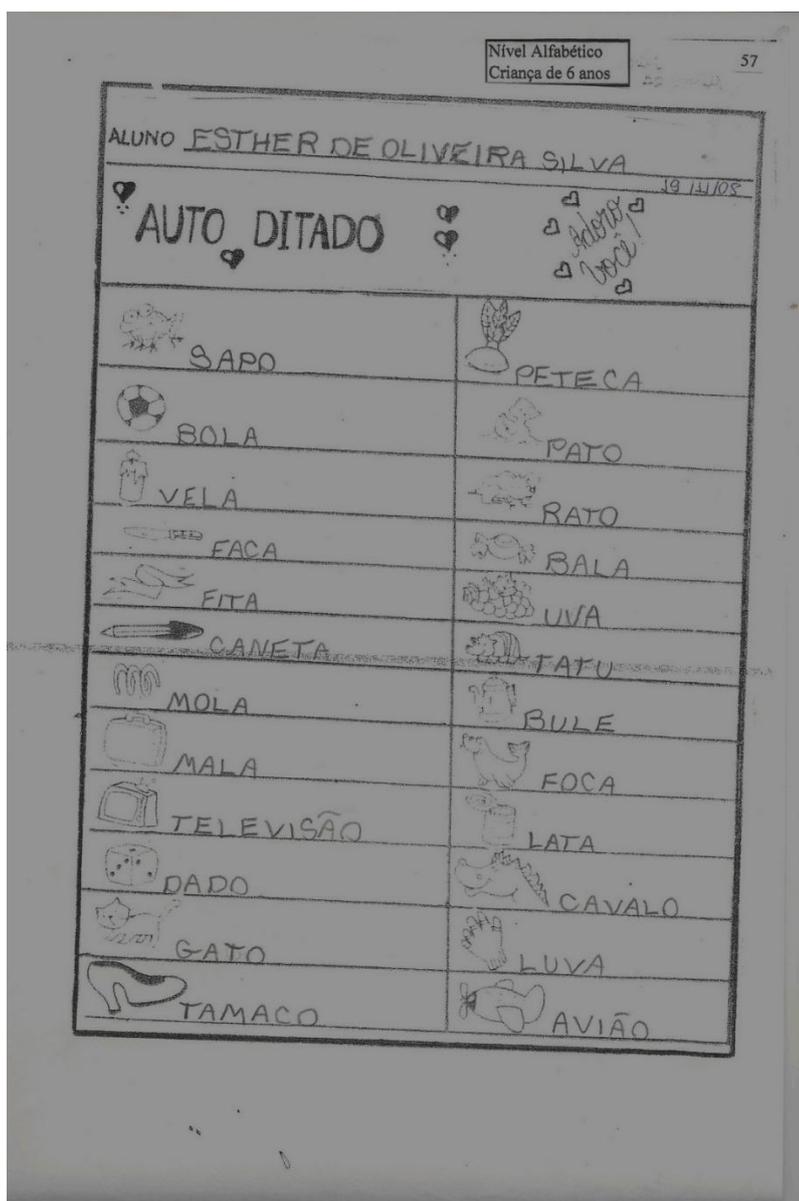
(Fonte: pedagogia em foco)

No nível silábico - alfabético é uma fase de transição, algumas grafias representam sílabas e outras fonemas, fazem correspondência entre som e grafia: a silábica e a alfabética, a criança entende que é preciso mais de uma letra para cada fonema, existe uma maior correspondência entre sons e letras, acrescenta letras ao esquema anterior. Exemplo:



(Fonte: Pedagogia em foco)

No nível alfabético, segundo as autoras a criança vence a barreira da representação da escrita nesta fase, entende que a escrita tem função social, compreende o código da escrita, é o produto do esforço coletivo para representar o que se quer simbolizar: a linguagem. É uma construção mental que introduz suas próprias regras, desaparece a análise silábica na construção da escrita, segundo Ferreiro et Alli (p. 30). Exemplo:



(Fonte: Pedagogia em foco)

Nesse processo de construção o professor é o mediador, que tem por função apontar caminhos através da realização de atividades que facilite a construção da aprendizagem. Desta forma, segundo Carlos Cagliari (1999), a concepção de aprendizagem baseia-se nas decisões que o aprendiz toma de acordo com explicações que recebeu. Faz com que ele se aventure no mundo do saber e saiba

distinguir a maneira correta de dar o seguinte passo. O aprendiz aprende a aprender, esse é o segredo.

2.1 Conceituando alfabetização e letramento

Nessa era das tecnologias de ponta, ser alfabetizado, significa muito mais que adquirir o código escrito. Este é insuficiente para administrar adequadamente as necessidades do mundo moderno. Jeanete Beauchamp, diretora, na época, de políticas de educação infantil e ensino fundamental do MEC, falou num seminário, em Brasília, em dezembro de 2004: “O processo de aprendizado da linguagem, que engloba a alfabetização e letramento, começa com o nascimento, quando a criança escuta e participa de conversas, vê e ouve o mundo povoado de significados”.

A criança, que ouve os que a rodeiam, a versar sobre os diferentes assuntos do dia a dia, as palavras dos significados inerentes já vai fazendo relações, embora que de modo simples, e armazenando possibilidades de significados. Este saber crescente possibilita, à criança que desde cedo seja inserida no mundo letrado, ensaios de vivência da cidadania pois, além de aprender a ler e a escrever, precisam apropriar-se da função social da leitura e da escrita, fazendo uso socialmente dessas práticas.

A alfabetização e o letramento são produções sociais e devem ser trabalhadas pelos professores, inter-relacionadas com as outras dimensões da cultura, isto permitirá tornar real e significativa a inclusão social, independente de raça, cor, cultura ou credo religioso. Embora a estrutura cultural, segundo Paulo Freire (1992, p. 56) , não ofereça o devido suporte, os educadores, compromissados que buscam maximizar possibilidades do exercício da verdadeira cidadania. Importa que se acredite ser capaz de exercitar com os alunos, o senso crítico responsável e questionador, que oportunize ao cidadão transformar-se num indivíduo sensível ao sofrimento alheio e, que este lhe inspire a refletir sobre e solicitar a adoção de políticas públicas que permitam o desenvolvimento social dos marginalizados, garantindo-lhes condições para que eles próprios sejam capazes de satisfazer suas necessidades básicas. Pois o analfabetismo abrange um âmbito bem maior que nossa boa vontade e empenho,

envolve o âmbito político provocando a desigualdade social, a injustiça e a exclusão.

Conforme analisado anteriormente, aprende-se ler e escrever criando hipóteses sobre a leitura e a escrita. Como se vive no meio ao mundo letrado, a era da informação, globalização, a escrita veio se organizando no decorrer da história conforme variantes linguísticas. E como diz Ferreiro:

Seria simplismo crer que a escrita apenas transfere para o papel uma forma de falar. Mais do que isto, e por razões próprias de sua constituição, a escrita organiza de forma particular a fala, acrescentando-lhe características novas e abandonando outras. Nesse sentido, pode-se dizer que “a invenção foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação”. (Ferreiro, 1984, p.12).

Isto é, ao tomar a fala como representação da escrita, não leva consigo todos os elementos, apenas alguns e constrói novas relações entre ambas. Surge aqui um novo conceito. Não basta mais apenas decodificar, saber os códigos (letras do alfabeto) e ir juntando sílabas, palavras, frases é preciso saber a função social da escrita na sociedade contemporânea, é condição primordial para que a pessoa participe dessa sociedade. Explica Britto (2005, p. 23):

Recentemente, a educação passou a utilizar o conceito de letramento para referir tanto os processos de ensino de leitura e de escrita quanto ao uso deste conhecimento pelas pessoas. A dinâmica social contemporânea impõe às pessoas uma quantidade imensa de exigências, envolvendo capacidade de participação, de crítica, de transformação, de propor soluções criativas etc. ou seja, para participar e mover-se com desenvoltura nessa sociedade, a pessoa deve ser capaz de agir com autonomia, demonstrar iniciativa, ter capacidade de análise e decisão. A palavra chave neste contexto é autonomia intelectual, entendida como a capacidade de a pessoa, em situações diversas, decidir, calcular, planejar intervir, criticar, transformar, solucionar, criar.

Desta forma, é necessário que a alfabetização e letramento vá muito além mesmo do conceito que se tinha, ler e escrever, é um saber contextualizado com as diferentes realidades sociais. Aprender ler, escrever e conhecer o mundo. Paulo Freire afirma ainda que:

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da língua escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. (...) Linguagem e realidade se aprende dinamicamente. (...) A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. (Freire, 1992, p. 11 e 22).

Paulo Freire afirma, que a educação não acontece abstratamente, confirmando o comentário que fez-se anteriormente sobre a vida social e coletiva e as realidades vivenciadas em ambas. Está relacionada com o cotidiano, com as experiências de vida, com o contexto de uso da palavra escrita e falada, isto é se

relaciona com o jeito de fazer e participar na sociedade. A escrita impõe-se não é opção, pois o mundo do trabalho exige sujeitos mais preparados. A própria sobrevivência exige isso, ou vai-se em busca do conhecimento ou é substituído por aquele que está mais preparado, capacitado.

CAPÍTULO III

3. O PAPEL DA GESTÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESCRITA

A alfabetização é a iniciação no mundo letrado e dela depende o entendimento de todos os conhecimentos e informações que possam ser aprendidas e que podem contribuir para o sujeito no decorrer da vida escolar e na vida adulta. Este assunto tem sido amplamente discutido e preocupado muitos pesquisadores que o investigam desde 1970 e 1980, quando a alfabetização “deixou de ser apenas um processo de aprendizagem do código da escrita.” (Britto, 2005,p.30).

Sabendo disso todos os gestores precisam voltar o seu olhar para a alfabetização e letramento, esse novo conceito que nos faz refletir sobre o papel social da escrita e sua importância para viver em sociedade de forma crítica e transformadora. Criando também projetos que valorize as produções escritas dos alunos, que incentive o gosto pela leitura entre outros. Diz Britto:

Considerar os usos da escrita em função de esferas de inserção que uma pessoa tem na dinâmica da vida moderna diferentes relacionados aos que fazeres objetivos em função da forma de participação e dos modos de relação social, é uma possibilidade efetiva de compreender o funcionamento e o uso objetivo do uso da leitura e da escrita. (BRITTO, 2005, P. 36).

Daí a importância de conhecer o aluno, e também os profissionais que ali trabalham para que se possa pensar na formação continuada para capacitar o grupo docente. A gestão educacional precisa ter claro esse objetivo e sua importância.

A função dos gestores é também promover aprendizagem de qualidade e para isso, promover a formação dos professores, diz Heidrich (2008, p.07).

Inclui dominar algumas coisas que nenhuma faculdade ensinou a ele: saber como o currículo foi desenhado, quando e como se articulam as áreas do saber e quais os modelos de avaliação disponíveis. Apesar de não ser uma tarefa fácil, ela é indispensável. É justamente o conhecimento das diferentes disciplinas, de seus objetivos, de suas propostas de recuperação, da bibliografia adotada e das metodologias propostas que conferirá a ele a respeitabilidade dos professores. Isso exige muito estudo.

Deste modo, procura meios de ajudar os professores na sua formação e também na solução de problemas envolvendo a aprendizagem, visando o sucesso dos alunos. Para isso, o coordenador precisa estar também buscando conhecimentos constantemente, deve ser um observador e um pesquisador. Neste sentido, deverá procurar bibliografias, proporcionar programas de formação, participação em seminários e congressos, para compartilhar informações com os demais profissionais da escola.

(...) o coordenador vai constituindo sua figura como um parceiro e um orientador do trabalho docente. Para isso tudo, o coordenador tem meios de atuação difusos: a presença nas atividades pedagógicas que alunos e professores promovem, a conversa individual com os docentes e a direção, as apresentações de trabalhos, as organizações de estudos do meio, as visitas e as festas, o material que ele torna disponível na sala dos professores, os avisos que deixa no quadro e até mesmo a sala do cafezinho. Mas ele conta ainda com um momento privilegiado. É o chamado Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), período de formação em serviço durante o qual seu "jeitão" aparece e se consolida. Ali, o coordenador desenvolve seu máximo trabalho: fazer com que os professores, os verdadeiros craques do time escolar, brilhem porque são as estrelas e, afinal, cabe a eles preparar as aulas, trabalhar duramente com centenas e centenas de alunos, corrigir provas e trabalhos, extenuar a voz para ser ouvido e ainda readequar suas aulas ao seu plano inicial. (ibid. 2008, p.11).

Portanto, fazem parte de suas funções buscar melhores condições de trabalho na escola, conquistar o trabalho coletivo, ter espaço para fazer acompanhamento individual, ajudar, oferecer material e dinâmicas variadas, ter criticidade, ser entusiasta e otimista. Torna-se necessário para nortear o trabalho pedagógico, liderar, mediar com o grupo tendo como referência o projeto pedagógico e a linha de ação da instituição.

O diretor torna-se gestor a partir do momento que ele entende a gestão como um trabalho conjunto, onde todos participam. E isso consiste mudança de postura. É o fortalecimento da democracia do processo pedagógico. Neste sentido seu papel é estabelecer diálogo, enfrentar novas realidades, para formação coletiva, participação comunitária, precisa vivenciar a escuta, a ética e a solidariedade humana.

A verdadeira função do líder da escola é conciliar as demandas burocráticas e pedagógicas - para garantir que os alunos progridam o diretor é a figura central para promover esse ganho de qualidade de que a Educação brasileira tanto necessita. E, da mesma forma que seu papel é importante, sua rotina está cada vez mais complexa. Ele deve, cotidianamente, dar conta de diferentes "gestões": do espaço, dos recursos financeiros, de questões legais, da interação com a comunidade do entorno e com a Secretaria de Educação e das relações interpessoais (com funcionários, professores, famílias). Tudo isso, com um objetivo

maior, que, se não é novo, ganhou uma importância que parecia um pouco esquecida nos últimos tempos: a aprendizagem dos alunos.(PRIOLLI,2008).

Segundo Gurgel (2008,p. 28), o gestor é o responsável pela criação de um ambiente acolhedor, que possibilite um trabalho educacional de qualidade, observando com rigor o projeto pedagógico da escola. Envolvendo a equipe, pais e alunos em torno desse objetivo. Pois o gestor é o líder, que planeja, que coordena, faz a mediação juntamente com o coletivo.

Por isso, o diretor deve estar muito atento ao que se transmite "nas entrelinhas" dos processos e das relações interpessoais que se estabelecem na escola. Seu desafio é o de coordenar diferentes gestões - equipe, espaços, parcerias, recursos - para promover a aprendizagem das turmas. Nessa abordagem, o olhar do gestor se volta fundamentalmente para três eixos: a organização dos espaços da escola (não só o das salas de aula), a mobilização de uma equipe coesa (que trabalhe para alcançar uma proposta pedagógica definida) e o estabelecimento de um canal de comunicação com pais de alunos e a comunidade do entorno. Embora ninguém afirme que isso seja tarefa fácil, aplicar essa teoria no dia-a-dia talvez não transforme a instituição numa escola dos sonhos, mas certamente trará resultados positivos sob todos os aspectos (ibid. 2008, p.24).

Entende-se, então que o diretor precisa estar atento, ter bem claro sua função e a proposta pedagógica, ser um líder que saiba lidar com o coletivo, pois precisa trabalhar com diferenças variadas desde os pais, alunos, professores e funcionários da escola e para isso precisa saber se relacionar amistosamente com o outro e delegar funções para um trabalho competente e conjunto. Sempre tendo como ponto de partida o coletivo para o bem estar de toda comunidade escolar e uma educação de qualidade.

CAPÍTULO IV

4. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA PESQUISA

4.1. Definindo a pesquisa

A pesquisa é entendida como procedimento sistemático que procura responder aos problemas que afligem a sociedade. Constrói a aprendizagem considerando o conhecimento que já foi produzido. Portanto pesquisa é o mesmo que buscar procurar respostas há uma pergunta, isto é o caminho para se chegar ao conhecimento.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa.

Uma abordagem metodológica de caráter qualitativa tem como característica o ambiente como fonte direta de dados, o pesquisador como principal instrumento, há uma maior preocupação com o processo dinâmico, dá maior ênfase ao significado que as pessoas dão as coisa, à vida, ao contexto, a construção a compreensão é o que vale, segue um processo indutivo de análise. Parte do fato, os dados são descritivos, etnográficos. O conteúdo é analisado, comparado, interpretado, aceita subjetividade, há uma concomitância entre ação e reflexão e tem como princípio o intencionalismo. (COSTA, 2002, p.8)

Sendo assim, dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

4.2. Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica tem como principal característica o fato de que a fonte dos dados o campo onde será feita a coleta dos dados, é a bibliografia especializada.

Isso significa dizer que todas as modalidades de pesquisa exigem uma revisão bibliográfica, uma busca de conhecimentos sobre os fenômenos investigados na bibliografia especializada, mas somente pesquisa bibliográfica tem como campo de coleta de dados a bibliografia.

Na pesquisa bibliográfica, vamos buscar nos autores e obras selecionados os dados para a produção do conhecimento pretendido.

Como explica Costa (2002,p.13.):

Isso porque a pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. Ela dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

O acesso à bibliografia pode ser feito de dois modos básicos: manualmente ou eletronicamente. O primeiro consiste em pesquisar diretamente nos livros de referências disponíveis e o segundo consiste no uso da internet como fonte de pesquisa. Fazendo com que possam buscar subsídios que fundamentem a mesma.

4.3 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo em Educação caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo, aos espaços educativos para coletas de dados, com objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem e, pela análise e interpretação desses dados, contribuir, para a produção de conhecimentos, para a construção do saber educacional e o avanço dos processos educativos.

As técnicas mais usadas nas pesquisas de campo nas ciências da educação são a observação e a entrevista, sendo o questionário o instrumento muito usado na pesquisa de campo como forma de coleta de dados.

4.4 Questionário

Para ter uma amostragem da realidade foi elaborado um questionário a ser respondido por professores alfabetizadores de escolas da rede estadual de ensino do município de Soledade/RS. Como diz Chagas (2012, p.1)

. Segundo Parasuraman (1991), um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o mesmo autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais. Parasuraman afirma também que construir questionários não é uma tarefa fácil e que aplicar tempo e esforço adequados para a construção do questionário é uma necessidade, um fator de diferenciação favorável.

Neste sentido formularam-se seis perguntas abertas a serem aplicadas nessas escolas. As quais seguem abaixo.

1. Qual sua formação?
2. Quanto tempo você trabalha como alfabetizadora (o)?
3. O que você entende por alfabetização e letramento?
4. Qual é o método que você utiliza para alfabetizar?
5. Quais as principais dificuldades que você encontra para alfabetizar?
6. Você acha importante a formação continuada? Justifique.

4. 5. Contextualizando o campo de pesquisa

4.5.1. Apresentando a rede estadual de ensino de Soledade

A pesquisa foi realizada no município de Soledade. O município é um centro de industrialização de pedras preciosas e semipreciosas. Com uma vasta área agrícola também, onde a principal produção dos grandes proprietários é a soja e dos pequenos proprietários é de agricultura de subsistência.

Possui aproximadamente 39.000 habitantes no total, de acordo com o último censo do IBGE. Um município pequeno, com grandes problemas de falta de emprego, que faz muitos procurarem trabalho em outras cidades.

Tem sete escolas estaduais dentro da área urbana e uma na área rural. Três escolas possuem ensino fundamental e médio. Destas sete escolas quatro participaram da pesquisa respondendo o questionário.

A rede estadual de ensino é de responsabilidade da 25ª coordenadoria de educação, localizada no município de Soledade, responsável por mais vinte e quatro escolas, espalhadas nos demais municípios que abrange a coordenadoria.

Cada escola constrói sua proposta pedagógica de acordo com sua realidade e apoiada na legislação federal vigente, a partir daí é construído o plano de ensino que tem como suporte a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Desta forma cada professor constrói seu plano de trabalho apoiando-se nos documentos da escola já citados.

CAPÍTULO V

5. ANALISANDO A ALFABETIZAÇÃO EM ALGUMAS ESCOLAS ESTADUAIS DE SOLEDADE

5.1. Explicitando os temas e as categorias de análise

A partir dos procedimentos da pesquisa feitos no capítulo anterior, que passou pelas seguintes etapas: elaboração do projeto e estudos de aprofundamento sobre o tema, coleta de informações junto a diferentes autores, análise e sistematização das informações coletadas, elaboração de questionário a ser aplicado, aplicação do questionário, análise do questionário, explicitação do tema analisado, interpretação do tema, foi analisada a formação dos docentes que trabalham com alfabetização juntamente com o conceito de alfabetização e letramento.

5.2. Análise e interpretação dos temas e categorias

5.2.1. Alfabetização e letramento

Esta concepção de acordo com os dados colhidos mostrou-se presente de diversas maneiras e conceitos. Foi questionado: O que você entende por alfabetização e letramento?

P1 Alfabetizar: ato de ensinar, aprender a ler e escrever. Letramento: saber ler nas entrelinhas...visão holística...

P2 Alfabetização é a ação, ato de alfabetizar, é ensinar a ler e escrever, tornar o indivíduo capaz de comunicar-se através da escrita e da leitura.

P3 Alfabetização são noções de letras, som, grafia e letramento é a utilidade nas funções sociais.

P4 É um processo que se constrói mesmo antes da criança chegar a escola. Entendo que alfabetizado é aquele que entende a função da escrita e a usa no seu cotidiano.

Diante das concepções apresentadas, percebe-se que sujeitos da pesquisa apresentam conceitos desenvolvidos sobre alfabetização já apresentados anteriormente. Porém nos remetem a métodos tradicionais de

alfabetização como o método silábico ou fônico. Desta forma reflete-se sobre a colocação de Carlos Cagliari em sua obra *Alfabetização sem ba be bi bo bu*:

A questão metodológica não é a essência da educação, apenas uma ferramenta. Por isso é preciso ter ideias claras a respeito do que significa assumir um ou outro comportamento metodológico no processo escolar. É fundamental saber tirar todas as vantagens dos métodos, bem como conhecer as limitações de cada um. (CAGLIARI, 1999, p. 36)

Desta forma fica claro que se deve ter conhecimento dos métodos e tomar uma postura de análise sobre a prática, tornando possível verificar o que existe de bom, de aplicável a cada realidade para ser aproveitado no cotidiano escolar. Quando não se conhece comete-se erros, os quais podem ser prejudiciais ao aluno que se alfabetiza principalmente, pois nem todos aprendem da mesma forma, por isso a importância de se conhecer todas as teorias e analisa-las.

No entanto sabe-se que alfabetização e letramento vai muito além de ensinar códigos da escrita, pois a sociedade de hoje exige um cidadão criativo, crítico, por isso a importância do letramento, que é saber a função social da escrita na sociedade e saber usá-la para ter autonomia e competir na sociedade no mercado do trabalho de acordo com as exigências, conquistando autonomia intelectual.

Diz CAGLIARI (1992, p. 109) “O melhor método de trabalho para um professor deve vir de sua experiência, baseado em conhecimentos sólidos e profundos...” Desta forma o professor precisa ser um pesquisador, isto é, estar sempre lendo, atualizando-se, estudando.

Quanto ao entendimento sobre letramento percebe-se que ainda não se tem clareza. Porém na maioria, quando se fala na função social da escrita estão de um todo corretos. Cabe salientar aqui que tanto alfabetização como letramento andam juntos e sua diferença é muito pequena. Diz Kleiman, (1995, p. 19): ...”entende o letramento como sendo um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contexto específico, para objetivos específicos.” O principal raciocínio aqui neste conceito é “práticas sociais”. Que se trata do que se faz com o que se sabe sobre a leitura e a escrita, que importância isso tem na vida do indivíduo

enquanto ser social. Não se limita ao espaço escolar e sim ao mundo, ao meio onde se vive. Diz Brito:

Tais práticas sociais incluem as formas como se estruturam as atividades do cotidiano, como cozinhar com base em uma receita, instalar aparelhos seguindo as instruções do fabricante, locomover-se no espaço urbano (o que implica conhecer itinerários, reconhecer os nomes dos lugares e dos veículos, usar dinheiro ou algum tipo de cartão para pagar o transporte), usar um quadro de horários e controlar o tempo pelo relógio, escrever ou ler recados...(BRITO, 2005,p. 53)

Estas ações estão presentes no dia a dia do sujeito, as quais são necessárias dar conta delas para viver e comunicar-se na sociedade, esta é a função social da leitura e da escrita.

5.2.2. Dificuldades para alfabetizar

A partir do questionamento: Quais as principais dificuldades que você encontra para alfabetiza?

Foram relatadas como dificuldades para alfabetizar, a falta de interesse tanto da família como dos alunos.

P1 relata que a principal dificuldade para alfabetizar é a falta de interesse tanto dos alunos como dos pais.

P2 menciona a falta de limites por parte dos alunos.

P3 diz que é a falta de maturidade dos alunos e a falta de comprometimento de alguns pais.

P4 também ressalta o papel da família em motivar a criança, ajudar em casa...

Cabe aqui um questionamento: será que as práticas pedagógicas são interessantes, criativas, chamam a atenção do aluno?

Retoma-se Cagliari (2005, p. 132), para buscar respostas. Para ensinar a ler e escrever é preciso saber exatamente como se ensina e como se aprende, conhecer o funcionamento da escrita e da decifração e como se relaciona a fala com a escrita. Deverá saber avaliar quais livros irão ajuda-lo na prática pedagógica, libertar-se de pessoas que apresentam soluções fantásticas em livros ou métodos, isso não existe, mesmo porque os indivíduos são diferentes, as realidades são diferentes. O professor precisa ter conhecimento sobre fonologia, sociolinguística e semântica, analisando onde

esses conhecimentos entram em sua sala de aula. Para que possa melhorar a sua prática pedagógica. Fazer uso de técnicas e jogos pedagógicos que estimule o aluno e facilite a aprendizagem.

O lúdico é próprio do seu humano, desde sua criação, foi no jogo e pelo jogo que as civilizações desenvolveram-se, sendo assim, um fenômeno cultural e não biológica. Através do jogo se modelam regras e reproduz aspectos da realidade.

Esses fatos devem ser explorados de forma que a criança aprenda a realidade e conheça o mundo adulto, oportunizando para iniciação das relações emocionais e da socialização, facilitando o controle da ansiedade, conflitos, agressividade e conseqüentemente a construção de bons hábitos e atitudes.

Segundo Piaget (1988) a brincadeira traz vantagens sociais, cognitivas e afetivas, construindo-se num motivo para ação. O brinquedo é o caminho pelo qual as crianças compreendem o mundo em que vivem e serão agentes de mudança. A utilização de brincadeiras e jogos no processo pedagógico, a convivência de forma lúdica e prazerosa com a aprendizagem, proporcionará a criança estabelecer relação cognitiva as experiências vivenciadas, bem como relacioná-la as demais produções culturais e simbólicas compatíveis a essa prática.

Quanto a falta de limites mencionado na pesquisa, na sociedade moderna, muitas mudanças ocorreram, a estrutura familiar, a vida em família, a luta pela sobrevivência em uma sociedade desigual capitalista, torna-se cada vez mais competitiva e isso faz com que os pais trabalhem fora em tempo integral e a educação dos filhos ficam por conta de outras pessoas. Os pais, por sua vez, para suprir sua ausência acabam permitindo tudo aos filhos e substituindo sua companhia e seu afeto por coisas materiais e não percebem que estão lhe causando problemas.

No entanto, o professor precisa ser conhecedor de todas as etapas de desenvolvimento da criança, de como ela constrói conhecimentos e do conceito real de alfabetização e letramento, isto é, um professor que está em constante busca de novos conhecimentos, sabe como proceder para superar as barreiras, criar metodologias adequadas e formas prazerosas de construir conhecimentos de forma a canalizar todas as energias da criança para a

aprendizagem. Dar liberdade e autonomia para que a criança possa testar suas hipóteses e este buscar metodologias para que a criança construa novos conhecimentos a partir dos que já possui.

Neste contexto o professor é o mediador para a socialização e para a alfabetização. Nessa convivência com o outro, na escola, cada participante vai falar, dar sua opinião, ouvir o outro e respeitar suas individualidades. Nesta relação vão sendo construídas culturas e saberes diferentes e construindo-se limites, que são hábitos, atitudes comportamentais que também precisa ser construído de forma adequada.

5.2.3. formação continuada

Depois de ter analisado no item anterior a formação do professor, seu papel enquanto alfabetizador e conhecedor de como se ensina e como se aprende e o papel da família neste processo, enfatiza-se aqui a importância da formação continuada, a qual foi colocada como importante por todos na pesquisa, porém com a ressalva de que deve ser o tema voltado para a área de atuação. O questionamento foi o seguinte: Você acha importante a formação continuada? Justifique a resposta.

P1 Sim, quando o tema é voltado para a nossa área e quando o palestrante tem um bom conhecimento.

P2 Sim, pois sempre estamos aprendendo e buscando metodologias novas. Também podemos reativar conhecimentos já adquiridos.

P3 Sim, fomenta a busca de inovação, criatividade, dinamismo, quando o tempo é bem aproveitado e os temas interessantes.

P4 Acredito que a formação continuada é o que há de mais importante na vida profissional dos educadores. É preciso muita teoria pra que a prática melhore. Acredito na práxis pedagógica (ação-reflexão-ação). Só o estudo é capaz de transformar nossa educação.

A educação tem necessidade de mudanças, por isso precisamos de informações, principal recurso de transformação. Mas não podemos aceitar o novo só porque é novo e rejeitar o velho sem uma análise crítica sobre ambos. Portanto a tarefa do educador é desafiar o educando a criar, investigar, ser crítico, transformar e produzir assim compreensão daquilo que diz e faz.

Anos atrás, o professor devia levar a seus alunos as informações específicas de sua disciplina, aprendidas em seus estudos, e aos alunos cabia assimilá-las de maneiras significativas ou mecânicas. Hoje já não é mais necessária essa tarefa, uma vez que essas informações são transmitidas por todos os meios – livros didáticos, fascículos, apostila, revistas, jornais, vídeos, programas de computador, busca na internet – mas seu excepcional volume e necessidade constante de atualização em conhecimentos, habilidades, práticas cívicas e, enfim, sabedoria (ANTUNES, 2001, p.11).

Portanto é uma exigência para a profissão de professor, estar inserido nas novas tecnologias, podendo fazer uso delas para inovar suas aulas e principalmente auxiliar o aluno no atendimento das mídias e das multimídias, tendo o papel de orientar quanto a formação de seus alunos. É possível então afirmar que não há proposta pedagógica e reforma educacional sem o professor. Seu papel é primordial e fundamental. Sendo assim requer que pensamos sobre metodologia, instrumentos, materiais, entre outras coisas, um professor capacitado, atualizado, um mediatizador entre informações, aluno e o espaço escolar.

Há necessidade de novas propostas pedagógicas e uma reforma educacional coesa, ou seja, com objetivos significativos para todos, desenvolvendo o coletivo na totalidade. É imprescindível que a escola acompanhe todas essas transformações, inove-se, não é mais possível continuar com aulas marcantes, reprodutoras, quadro negro e giz. É o momento de repensar a educação em si, a partir daí criar dispositivos que possibilitem um novo olhar, onde todas as áreas do conhecimento possam trabalhar questões pertinentes para uma construção de conhecimentos significativos, mais humanos, mais dignos, embora no princípio de igualdade, fraternidade, liberdade, respeito ao outro. Neste sentido podemos fazer uma análise crítica em relação a todo o processo de mudança pelo qual o mundo está passando e conseqüentemente o bombardeamento que o homem recebe cotidianamente.

Diante dessa realidade, o professor passa a ser um analista de símbolos e linguagens, um pesquisador que busca sentido nas informações, um profissional capaz de relacionar-se com o outro e consigo mesmo, com uma profunda reflexão sobre sua prática pedagógica.

O educador, na nova postura, compreende que não é ele que “deposita” o conhecimento na cabeça do educando. Por outro lado, sabe também que não é deixando o educando sozinho que o conhecimento “brotará” de forma espontânea. Quem constrói é o sujeito, mas a partir da relação social, mediada pela realidade (VASCONCELOS, 1998, p.160).

Para que isso ocorra é necessária a formação continuada, já não basta mais a licenciatura, a pós graduação, ele precisa estar constantemente atualizando-se. As colocações a cima deixa claro que se vive em uma sociedade em transformação e para isso a educação também precisa ser transformada para não se tornar obsoleta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, pode-se dizer que auxiliar o aluno a desenvolver sua cognição é mais complicado do que fazer decorar a grafia pois, escrever é pensar por escrito, e quando formulamos questionamentos aos nossos alunos precisam e devem nos colocar no lugar dos mesmos e isto se torna bastante complicado quando não temos clareza sobre o que estamos fazendo e porque o estamos fazendo.

O professor precisa levar em consideração que a aprendizagem da escrita envolve um grande esforço da criança e que ela, portanto, necessita de muito apoio, principalmente na fase de alfabetização. Pois, não são apenas os aspectos cognitivos que estão em jogo, mas também os aspectos emocionais, que podem retardar ou até mesmo bloquear o desenvolvimento. Deverá ser levado em conta todo conhecimento que já possui sobre o mundo da escrita, pois como foi analisado no decorrer do trabalho a criança traz consigo muitas informações desde a concepção, ao ouvir informações do mundo letrado. Pois a criança vai construindo conhecimentos de acordo com sua interação com o meio e com o outro. Passa por diferentes fases de desenvolvimento, as quais são de extrema importância a criança e para o conhecimento do professor, sabendo assim o que fazer para auxiliar em sua aprendizagem. No tema método também não fica bem claro, existe uma mistura de métodos, os quais sustentam a prática pedagógica, porém baseados sempre no alfabeto, isto é, das partes menores para o todo, do menor para o maior, do restrito para o amplo.

Quando questionados sobre as principais dificuldades, relatam sobre a falta de interesse por parte do aluno e falta de comprometimento da família, bem como problemas comportamentais.

No tema formação continuada, deixa-se claro a sua importância, porém enfatiza – se sobre os temas interessantes, voltados para a área de atuação, o conhecimento dos palestrantes.

Falar em alfabetização e letramento não é simplesmente falar em transmissão de códigos da língua escrita. Diz respeito a tudo que nos rodeia e leitura de mundo a criança já traz a sua quando vem para a escola, do meio onde vive, de sua cultura e de sua realidade. Letramento vai além de dominar códigos, é necessário saber a função social da escrita e fazer uso dela, para comunicar-se, para melhorar sua vida e sua relação com o outro e com o mundo em a rodeia. Constrói conhecimento fazendo relações com o que já sabia anteriormente e elabora suas hipóteses. No que se refere as hipóteses construídas pela criança em relação a leitura e a escrita o professor deverá ter conhecimento de cada nível de aprendizagem e o que trabalhar para que o aluno possa avançar em seus conhecimentos a respeito.

Se uma criança tem uma hipótese e tem possibilidade de testá-la sua produtividade pode ser maior do que numa criança que se preocupa, apenas, em não errar. Valendo aqui ressaltar, uma questão muito discutida, quanto a correção ou não dos erros praticados pela criança. Acreditamos que criança nenhuma ficará presa a fase silábica, fixando OEA para boneca, ou OIO para bonito, se o professor não ajudá-la naquele momento. O professor, deve sempre dar SEMPRE a resposta correta quando solicitado ou inquirido. Em contrapartida, o professor deve ir sistematizando os erros ortográficos, para que estes possam ser trabalhados quando a criança se encontrar no nível alfabético.

Saliento aqui a importância da formação do professor e da formação continuada, pois um professor alfabetizador necessita ter conhecimentos pedagógicos e didáticos, teóricos que venham auxiliar a sua prática em sala de aula. Deve ser um observador e pesquisador a cima de tudo.

Destacando também que o papel de todos os gestores deve ser voltado para o pedagógico, desde o pensar na proposta pedagógica da escola, que diz o tipo de aluno que se tem e o trabalho que é necessário ser feito para que todos tenham sucesso até o trabalho em sala de aula. O pedagógico de uma escola deverá estar em primeiro lugar nos planos dos gestores. Pois se temos problemas na alfabetização e letramento de nossos alunos é porque a escola como um todo está tomando caminhos equivocados no que se refere ao seu

papel. É juntamente com a gestão que se pensa todas as propostas e projetos da escola que facilitem e viabilizem a aprendizagem para todos.

Os gestores, quando se reflete sobre seu papel fica claro a importância do envolvimento desses em todo o processo, pois são pensadores do processo escolar e este não se dá sozinho e sim com a comunidade escolar, que se refere a pais, alunos e professores. Fica claro o papel de cada um no que se refere a formação continuada, a questão da indisciplina na escola, bem como a construção de uma escola democrática, onde todos opinam e trabalham juntos para o bem de todos.

O papel do professor, enquanto mediador do conhecimento vai além das paredes da sala de aula. Precisa estar sempre buscando novos conhecimentos, observando, analisando novas práticas, precisa ser um pesquisador. Conhecer a realidade de seus alunos para melhor trabalhar com eles. Manter um diálogo constante com a equipe gestora e com a família do aluno. Conhecer e trabalhar de acordo com a proposta pedagógica e a legislação vigente também é necessário, pois é deste que sairá o plano de trabalho do professor. Sua prática pedagógica deverá também estar respaldada legalmente e teoricamente.

No que se refere ao questionário realizado em algumas escolas da rede Estadual, nota-se que os professores estão buscando soluções acredita-se naquilo que estão aplicando e obtendo resultado, porém sabem também que é preciso buscar formação adequada e de qualidade.

A realização deste trabalho fez com que pudéssemos refletir sobre a carreira de ser professor, a prática pedagógica e conhecer muitas coisas que se passavam despercebidos no cotidiano escolar. Pudemos repensar sobre a importância de ser professor, que vai muito além de ensinar a alguém alguma coisa, e sim aprender juntos, mediando sujeito e conhecimento e vice versa. Ser professor é estar comprometido com a sociedade que aí está e que precisa mudar, pois precisa de sujeitos mais autônomos, críticos capazes de mudar a sua própria realidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. Fascículos em sala de aula, Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. Alegre: 15 (58): 5-9.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. RJ: Guanabara koogan AS, 1981, p.225-278.

BECHARA, Zuleika Toledo. **Família e escola na formação do pequeno grande cidadão**. 2000. Disponível em: www.unopar.br. Acesso: em dia. 26 de maio, 2009.

BERGHAHN, Elenar Luisa. **Perfil de liderança necessário à gestão escolar no assumir a proposta de educação humanizadora**. Porto Alegre, Artmed, 2003.

BEAUCHAMP, Jeanete. **Políticas de educação infantil e ensino fundamental do MEC**, seminário, Brasília, 2004.

BRASIL. Constituição Brasileira. **Presidência da República, Casa Civil. artigos 5º,7º,201.208 e 226 a 230**, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 15 de jun. 2009.

BRITTO, Luiz P. Ieme. **Letramento no Brasil**. Curitiba, IESDE Brasil S.A, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo. Scipione, 1989.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem bá, bé, bi, bó, bu**. São Paulo. Scipione, 1999.

CHAGAS, Anivaldo, T. **O questionário na pesquisa científica**. Mestre em administração pela USP. Disponível em www.ebah.com.br. Acessado em 30 de out/2012.

COSTA, Arlindo. **Introdução à disciplina de Metodologia Científica: curso introdutório**, 2002.

FERREIRO, Emília TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIAGAGLIA, Lia Angelina. **Orientação Educacional por atividade: Uma nova teoria e uma nova prática**. São Paulo, Pioneira, 2003.

GURGEL, Thais. **É papel do diretor gerir a equipe na condução do famoso PPP. Veja aqui respostas para as dúvidas frequentes nesse processo**. Edição 002, Junho 200911/2008. Disponível em: www.novaescola.com.br. Acesso em: 08 de jun.2009.

GROSSI, E. FERREIRO, Emília, TEBEROSK, Ana: **A psicogênese da Língua escrita**. EDELBRA, 1988.

HENNING, Paula Correia. **O que é ciência em tempo de transição paradigmática?** Artigo escrito por ela em 2001. Santa Catarina. Universidade AUPERX. .

LEMLE, Mirian. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo. Ática, 1987.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. **O que é Orientação profissional?** **En: Pensando e vivendo a orientação profissional.** São Paulo: Summus, 1993.

MACEDO, L. **Disciplina é um conteúdo como qualquer outro.** Revista Nova Escola. jun/jul/ 2005. p. 24,25 e 26.

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano.** 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. Sally Wendkos Olds. Tradução: Daniel Bueno

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética/ Sabedoria e ilusões da filosofia/ Problemas de psicologia genética.** 2 ed. São Paulo: Abril, 1983. Traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Célia E. A. Di Piero.

PRIOLLI, Julia. **Quando o diretor se torna um gestor.** Edição 002, Junho 200911/2008. Disponível em: www.novaescola.com.br. Acesso em: 20 de jul.2009.

VASCONCELOS, C. dos S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico: Do Projeto Político Pedagógico da sala de aula.** 2ª edição. SP. Libertad, 2002.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudanças.** 2ª ed. Libertad. SP, 1998.

APÊNDICE**A. QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL**

Questionário

1. Qual a sua formação?
2. Quanto tempo você trabalha com alfabetizador (a)?
3. O que você entende por alfabetização e letramento?
4. Qual é o método que você utiliza para alfabetizar?
5. Quais as principais dificuldades que você encontra para alfabetizar?
6. Você acha importante a formação continuada? Justifique.